

DERRIDA

A DESCONSTRUÇÃO COMO (IM)POSSIBILIDADE UTÓPICA

Profa. Dra. Lilia Loman

Pós-doutoranda do Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC/SP

RESUMO

Jacques Derrida possuía uma evidente desconfiança pelo termo “utopia” com base em suas implicações teleológicas de um estado de imobilidade que leva à renúncia de qualquer ação. De fato, o sentido literal de utopias tradicionais é alicerçado em ideias essencialmente logocêntricas de impossibilidade e perfeição. Entretanto, a criação de não espaços é também, por excelência, um ato transgressor: o conceito de utopia, assim, problematiza-se, transformando-se. O objetivo deste ensaio é propor um diálogo entre desconstrução e utopia em seu sentido não hermético, visto como (im)possibilidade, como um (não)espaço de deferimento e diferimento de um fim sempre posposto. Particular atenção será dada ao ato literário focado como efeito e performance de uma ausência pura preta de toda presença. Desta forma, relacionada ao nada essencial de uma escrita sempre inaugural, a utopia será refletida em seu caráter aporético em um contexto de singularidade e exemplaridade – o segredo exemplar da literatura. Finalmente, em um diálogo com Roland Barthes, um questionamento será proposto acerca do papel da literatura como utopia da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE

Desconstrução, Derrida, utopia, literatura

Jacques Derrida possuía um claro desconforto com o termo “utopia”. Em entrevista ao jornal alemão *Die Zeit* (1998),¹ ele declara “desconfiar” da palavra apesar do seu inegável potencial crítico e descarta considerar o “tout autre” como um novo nome para a utopia frente à fácil associação desta com o sonho, a imobilização, a impossibilidade que pede a renúncia ao invés da ação. O “impossível”, para ele, não é

¹ A versão em inglês, aqui consultada, foi publicada em http://culturemachine.tees.ac.uk/Cmach/Backissues/j002/Articles/art_derr.htm. A pedido de Derrida, a entrevista completa foi publicada em francês no site <<http://www.hydra.umn.edu/derrida/zeit.html>>.

utópico. Ao contrário, este fornece seu próprio movimento para o desejo, para a ação e para a decisão; é a própria figura do real.

Derrida² deixa sua recusa pelo termo mais explícita em “Marx & sons”, em que afirma que nada se distancia mais da Utopia e do Utopianismo – mesmo em sua forma “subterrânea” – do que a messianidade e a espectralidade que são a essência de *Espectros de Marx*. Ele acrescenta e reitera que a messianidade é *qualquer coisa exceto utópica* e que em caso nenhum pode ceder à atração da Utopia – *ao menos não ao que a palavra significa literalmente ou ordinariamente*. A afirmação de Derrida é uma resposta à alegação de Fredric Jameson,³ em seu artigo “Marx’s purloined letter”, de que haveria em *Espectros de Marx* uma expressão persistente de um Utopianismo subterrâneo que Derrida, evitando a palavra, preferiria chamar de um “fraco poder messiânico” com referência a Walter Benjamin.

Parece evidente, de qualquer forma, que a crítica de Derrida contra a Utopia – com letra maiúscula – é restrita “*ao que a palavra significa literalmente ou ordinariamente*”. Propomos aqui que a utopia pode ser desestruturadora da própria mobilização que sua literalidade propõe – o conceito de utopia problematiza-se, transformando-se. Neste contexto, o jogo sugerido pelo uso de parênteses na palavra (im)possibilidade no título deste ensaio aponta tanto para a natureza aporética da utopia transgressiva quanto para a aporia do antagonismo aparente entre utopia e desconstrução. Todavia, tal jogo não implica uma simples equivalência entre messianicidade e utopia nem tão pouco sugere que ao evitar a palavra utopia, Derrida propaga o que Jameson⁴ chama de escusa da frase afirmativa. Em suas palavras: “Deconstruction neither affirmeth nor denieth” – a desconstrução não afirma nem nega. Ao contrário, a discussão sobre o aspecto transgressivo da utopia visará demonstrar não apenas seu diálogo com a desconstrução, mas também desconstruir este (des)entendimento que comumente a envolve. Neste percurso, a discussão levará a uma reflexão final sobre o impulso utópico na literatura, evocando, assim, seu *segredo exemplar*.

² DERRIDA. “Marx’s & sons”. *Ghostly demarcation’s: a symposium on Jacques Derrida’s specters of Marx*, p. 248, 249.

³ JAMESON. “Marx’s purloined letter”. *Ghostly demarcation’s: a symposium on Jacques Derrida’s specters of Marx*, p. 33. (grifo meu).

⁴ JAMESON. “Marx’s purloined letter”. *Ghostly demarcation’s: a symposium on Jacques Derrida’s specters of Marx*, p. 33.

DO IMPOSSÍVEL À EXPERIÊNCIA DO IMPOSSÍVEL

Antes de nos voltarmos efetivamente para o potencial transgressivo da utopia é necessário ponderar sobre seu “sentido literal ou ordinário”, em outras palavras, sobre a “impossibilidade” que Derrida associa à renúncia ao invés da ação, à imobilidade. Discutindo a depreciação do termo “utopia”, Ernst Bloch relaciona-o com o “castelo nas nuvens”,⁵ a algo sem possibilidade de realização, à imaginação e ao sonho no sentido banal. Para ele, no entanto, esta depreciação não é um fenômeno moderno e a concepção de utopia tem, de fato, na contemporaneidade, um “upgrading”, que discutiremos a seguir.

Entendida como um estado estático de perfeição, a Utopia – grafada em letra maiúscula – representa o fim absoluto do *jogo*, sendo, assim, essencialmente logocêntrica. A estrutura social em obras utópicas é sustentada pelo apagamento das desigualdades. A felicidade é construída por meio da incapacidade de leitura de disparidades. Seja em utopias ou distopias a regularidade e a homogeneidade são elementos-chave. O *aqui e agora* torna-se também literal, perdendo seu elo com o futuro, como na concepção de Derrida. Se, em sua abordagem redutora, o desejo utópico pressupõe a renúncia, a própria concepção de utopia, enquanto perfeição, pressupõe a imobilidade e, portanto, o desaparecimento de um tempo futuro. As obras chamadas utópicas tradicionais trazem quase invariavelmente cidades geométricas habitadas por indivíduos homogeneizados onde o passado é uma mera convenção e o “perfeito acabamento” do presente inclui – e abole – o amanhã. Como nota Chris Ferns,⁶ tendo em vista o conceito bakhtiniano de cronotopo, tal virtual abolição temporal leva a profundas implicações na representação do espaço. A mútua interdependência entre tempo e espaço acarreta na ampliação da extensão do último: o tempo torna-se irrelevante e a personagem move-se de um lado para outro, às vezes arbitrariamente, revelando as diferentes partes da sociedade utópica.

No exemplo pioneiro de Thomas More, as andanças de Hitlodeu tornam-no comparável a um guia turístico enquanto servem para salientar a inacessibilidade e a autossuficiência de um lugar separado do continente pelo seu próprio rei. Utopia é um “bom lugar” que permanece não localizável e, portanto, inatingível – um “não lugar”.

⁵ BLOCH. *Something’s missing: a discussion between Ernst Bloch and Theodor W. Adorno on the contradictions of utopian longing*, p. 2.

⁶ FERNS. *Narrating utopia: ideology, genre, form in utopian literature*, p. 20.

More afirma que “não nos ocorreu perguntar-lhe, e nem ocorreu-lhe dizer-nos, em que região do Novo Mundo encontra-se Utopia”.⁷ Segundo Peter Giles, devido a um “infeliz acaso”, a perfeita localização da ilha nos mares do sul, que fora dita por Hitlodeu apenas “de passagem como se a desejasse guardar para outra ocasião”, se perdera ao som da tosse de um dos companheiros de bordo.⁸ A ambiguidade irônica que caracteriza o texto de More delinea não só a impraticabilidade da sociedade utopiana, mas também a sua dupla impossibilidade dada à inacessibilidade de um espaço cuja localização se oculta no discurso de um homem não mais presente. Quimérica, a ilha existe apenas na memória de um testemunho, ou seja, no imaginário de seus ouvintes/leitores.

Porém, “restringir ou apenas orientar o utópico ao modo de Thomas More seria como querer reduzir a eletricidade ao âmbar-amarelo, do qual ela recebeu o seu nome grego e no qual ela foi percebida pela primeira vez”.⁹ Desde More, a designação da utopia como lugar sofreu mudanças que Ernst Bloch aponta como uma transformação do *topos* do espaço para o tempo. Em uma discussão com Theodor Adorno sobre utopia, ele diz:

With Thomas More the wishland was still ready, on a distant island, but I am not there. On the other hand, when it is transposed into the future, not only am I not there, but utopia itself also is not with itself. This island does not even exist. But it is not something like nonsense or absolute fancy; rather it is not *yet* in the sense of a possibility; *that* it could be there if we could only do something for it. Not only if we travel there, but is *that* we travel there the island utopia arises out of the sea of the possible – utopia with new contents.¹⁰

Utopia com novos conteúdos. A mudança do espaço para o tempo permite assim que a ilha deixe de ser algo quimérico e inalcançável e se torne algo no limiar do possível. Algo pode ser feito para alcançar esta ilha que ainda “não é”. Para Bloch:

A categoria do utópico possui, além do sentido habitual, justificadamente depreciativo, também um outro que de modo algum é necessariamente abstrato ou alheio ao mundo, mas sim inteiramente

⁷ MORE. *Utopia*, p. 9.

⁸ MORE. *Utopia*, p. 208.

⁹ BLOCH. *Something's missing: a discussion between Ernst Bloch and Theodor W. Adorno on the contradictions of utopian longing*, p. 25.

¹⁰ BLOCH. *Something's missing: a discussion between Ernst Bloch and Theodor W. Adorno on the contradictions of utopian longing*, p. 3.

voltado para o mundo: o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos.¹¹

A utopia, assim, deixa de pertencer à paralisia do presente eterno, do fim do *jogo*, e provoca a ultrapassagem do curso corrente dos eventos, sua desestabilização. Como veremos mais adiante este “ainda não é” que nos incita agora é bastante presente na estrutura messiânica de Derrida, permitindo associar o “impossível” à urgência, à ação.

Antes disso, entretanto, a atenção é voltada novamente para Fredric Jameson. Para ele, a utopia também só pode ser pensada temporalmente, uma vez que esta não pode ser realizada no presente. A ideia utópica é, de fato, responsável por manter viva a possibilidade de um mundo qualitativamente distinto do atual.¹² A utopia, para Jameson, aponta Ian Buchanan,¹³ é uma relíquia do passado, uma Arcádia ou um Éden do qual fomos expulsos, ou a perfeição do destino, paraíso, nirvana, etc., ou a promessa de um mundo melhor, que é pensado no presente, mas que se pode viver só no futuro.

Como Buchanan¹⁴ mesmo coloca, a utopia em Jameson não é “estática” – “ela não é um lugar, mas um processo”. A maior contribuição da teoria de Jameson é negar que a utopia seja uma simples representação de uma sociedade melhor. Seguindo a teoria de produtividade textual de Julia Kristeva, Jameson propõe que a utopia não é algo externo ao texto nele “realizado”. Utopia é, de fato, um processo, uma práxis, uma máquina cuja primeira operação é a neutralização do real. Para Jameson,¹⁵ entender o discurso utópico como neutralização é, precisamente, entendê-lo como processo, *energeia*, enunciação, produtividade e implicitamente e explicitamente repudiar sua visão mais tradicional e convencional como representação total.

O processo, entretanto, não engendra transformação:

(...) a vocação da Utopia é o fracasso, o seu valor epistemológico está nas paredes que ela nos permite perceber das nossas mentes, nos limites invisíveis que nos permite detectar (...). [O] texto utópico nos dá a vívida lição daquilo que não podemos imaginar: só que não o faz

¹¹ BLOCH. Something's missing: a discussion between Ernst Bloch and Theodor W. Adorno on the contradictions of utopian longing, p. 22.

¹² JAMESON. *Marxism and form: twentieth-century dialectical theories of literature*, p. 111.

¹³ BUCHANAN. Metacommentary on utopia or Jameson's dialectic of hope, p. 18.

¹⁴ BUCHANAN. Metacommentary on utopia or Jameson's dialectic of hope, p. 18.

¹⁵ JAMESON. Of Islands and trenches: naturalization and the production of utopian discourse, p. 6.

pela imaginação concreta, mas sim pelos buracos no texto, que são a nossa própria incapacidade de ver além da época e de suas conclusões ideológicas.¹⁶

Para Jameson, a natureza e a função do gênero utópico é demonstrar com detalhes concretos nossa inabilidade inerente de imaginar a Utopia e, assim, nos fazer retornar mais intensamente ao real. “Nossa incapacidade de produzi-la como uma visão”, ele escreve finalizando sua crítica de *Utopiques* de Louis Marin, “é um fracasso que, à semelhança de fogos de artifício dissolvendo-se no céu da noite, deve mais uma vez deixar-nos com *esta* história”.¹⁷

A teoria de Jameson merece maior reflexão, que não cabe ao presente trabalho. Fica evidente, entretanto, que seria um erro julgar seu conceito de utopia como estático ou equivalente ao sentido tradicional ou literal. Ao considerar a utopia como um *processo*, como *produtividade*, Jameson torna seu dinamismo e suas possibilidades críticas indiscutíveis. Porém, como nota Ruth Levitas,¹⁸ sua teoria reflete o enfraquecimento do poder transformacional da utopia, daí a incompatibilidade com a espectralidade e a messianicidade de Derrida.

Se para Jameson a utopia é uma promessa de um futuro melhor, inconcebível enquanto visão e impossível de se realizar no presente, o “impossível” para Derrida é indissolúvelmente relacionado à ação, ao desejo, ao *aqui-e-agora* que nos interliga ao futuro. A chamada “estrutura messiânica” de Derrida é a estrutura universal da experiência marcada pela iminência, pela urgência que demanda a ação. Seria, então, a utopia realmente antagônica à desconstrução? Eu diria que não. Vista sob seu caráter aporético, a utopia é um fator transgressor de realidades que não simplesmente superpõe uma nova realidade estática, uma nova ordem logocêntrica – ela desloca realidades, sem as substituir de forma teleológica. No trecho de Bloch citado anteriormente, vimos a “ilha” de utopia surgindo como uma *quase* atualidade em um futuro que nos incita no presente, desestruturando-o. A “ilha”, por sua vez, carregando novos conteúdos, é uma *quase*-realidade multifacetada que, assim, não se impõe como uma realidade estática e única a exemplo das utopias tidas como modelos de perfeição.

¹⁶ JAMESON. Of islands and trenches: naturalization and the production of utopian discourse, p. 85.

¹⁷ JAMESON. Of islands and trenches: naturalization and the production of utopian discourse, p. 21. (tradução minha).

¹⁸ Citado por MACMANAUS. Fabricating the future: becoming Bloch’s utopians, p. 3.

Pode-se, desta forma, se estabelecer um diálogo com o futuro, o *tout autre*, da estrutura messiânica derridiana. Para Derrida, todo ato de fala é uma promessa – mesmo quando mentimos, estamos prometendo falar a verdade. A estrutura universal da promessa compreende a espera pelo futuro, pela vinda do outro, pelo “Messias”, que é iminente e, portanto, traz responsabilidades para o aqui e o agora. O “futuro do tipo autêntico”, “aberto como processo, é inacessível e estranho a toda mera contemplação”.¹⁹ Deslocada de seu paraíso edênico, a utopia deixa de ser “impossível” e passa a ser uma “experiência do impossível”, uma aporia.

Desta maneira, vamos também de encontro a um futuro que não é inconcebível nem tão menos um horizonte de expectativas, um futuro-presente. A utopia é aquele que chega, a “ilha” *quase*-presente que provoca, desestrutura, ela é o futuro que salienta a própria desconstrutibilidade do presente. Nesse sentido, a sua existência enquanto impossibilidade depende do movimento desconstrutivo.

Utopias centradas em um estado estático de perfeição, sendo essencialmente logocêntricas, são naturalmente associadas com hierarquização e projetos ditatoriais. Uma abordagem transgressiva permite a inversão e o deslocamento de hierarquias com a criação de novos espaços conceituais. Lucy Sargisson,²⁰ em sua reflexão sobre utopia, desconstrução e feminismo, enfatiza os poderes destrutivos e criativos da utopia crítica – poderes simultâneos e necessariamente interdependentes. Sargisson²¹ faz ainda um paralelo entre utopia e *différance* afirmando que enquanto utopias de perfeição representam o fim absoluto do jogo, utopias de processo são transformativas do presente ao evocar uma mudança de consciência, criando um novo significado que não “cabe” nas categorias binárias de conceituação.

A ação do texto utópico no presente sugerida por Sargisson aponta para a urgência pela construção do futuro que nos incita hoje, uma vez que o primeiro se cria (e se destrói) por sua ação na atualidade. Susan MacManus²² nota que o utópico, como *différance*, sendo expresso como esperança e movimento, é sempre diferente e deferente. Para MacManus o sujeito utópico e a utopia constituem algo que “ainda não é”, implicando uma estratificação do tempo entre o presente criticado e o horizonte. A

¹⁹ BLOCH. *O princípio da esperança*, p. 18.

²⁰ SARGISSON. *Contemporary feminist utopianism*, p. 111.

²¹ SARGISSON. *Contemporary feminist utopianism*, p.108, 110.

²² MACMANAUS. *Fabricating the future: becoming Bloch’s utopians*, p. 5.

utopia é, assim, um deslocamento temporal e epistemológico – uma impossibilidade produtiva e transformativa.

É importante salientar que tal deferência, ao contrário do que é sugerido pela maioria dos críticos da desconstrução, não implica um adiamento eterno de qualquer realização. Tal adiamento, comumente confundido com o deslocamento infinito discutido por Derrida, se aproximaria mais da ideia teleológica de impossibilidade e inacessibilidade características de utopias em seu sentido restrito. Há, ao contrário, uma *aporia*: uma não passagem que se deve atravessar para que se chegue a essa “ilha” que ainda não é, uma não passagem que é o impedimento e a prerrogativa para qualquer realização. A utopia, este não-espaço ou ainda este *quase*-espaço leva-nos a testar a não-passagem, o abismo, a aporia. Abre-se, assim, a espera, a invenção do outro, a experiência do impossível que se inicia no presente.

A possibilidade de uma impossibilidade, este futuro que aguardamos e que nos incita agora não pode ser a metáfora de um *grand finale*. Pois a utopia em seu sentido literal ou ordinário é a metáfora morta do fim impossível. A perfeição engole o futuro e, em um presente eterno, a suspensão temporal suprime o desejo e a ação. Utopias críticas, por outro lado, emergem como quase presenças de um futuro que incita a contínua desconstrução do presente. Diferindo e deferindo o presente, a utopia é a impossibilidade que nos impele à experiência do abismo que nos separa do outro, da ilha que ainda não é.

UTOPIA E O LITERÁRIO

Tendo em vista as questões discutidas anteriormente, a última parte deste ensaio refletirá sobre o impulso utópico na literatura. Vale ressaltar que, seguindo a abordagem proposta, obras tematicamente agrupadas sob o gênero literário utópico não constituem o foco desta reflexão, direcionado ao que aqui chamamos de *utopia escritural* em sua relação com o ato literário.

Relacionar utopia e literatura nos incita a estabelecer um diálogo com Roland Barthes, que, notavelmente, em *O grau zero da escrita*, finaliza a obra com a frase: “a Literatura se torna a Utopia da linguagem”.²³ De fato, como aponta Diana Knight,²⁴

²³ BARTHES. *O grau zero da escrita*, p. 76.

²⁴ KNIGHT. *Barthes and utopia: space, travel, writing*, p. 1.

uma proporção surpreendente de suas ideias são formuladas a partir de um vocabulário explícito da utopia como adjetivo ou substantivo. Em “Sur l’astrologie”, Barthes afirma:

Para mim o ideal assume uma forma bastante precisa que é o da utopia. Eu tenho uma imaginação utópica e frequentemente quando escrevo, mesmo que não esteja me referindo a uma utopia, se, por exemplo, analiso uma noção em particular de maneira crítica, sempre o faço por meio de uma imagem interna de uma utopia: uma utopia social ou uma utopia afetiva.²⁵

Há, sem dúvida, cintilâncias de perfeição na concepção de utopia de Barthes. Sua repetida comparação com o paraíso edênico, por exemplo, inspira um certo caráter teleológico: “a perfeição de um novo mundo Adâmico onde a linguagem não seria mais alienada”,²⁶ “uma linguagem paradisíaca, inteiramente original, a linguagem de Adão”.²⁷ Esta perfeição, entretanto, não é estática nem tão menos inacessível. A utopia, para Barthes, é parte constituinte do pensamento crítico. Criar novos espaços conceituais implica operar em territórios “inexistentes”, dialogar com o “impossível” na atualidade. A utopia torna-se uma forma de escritura que permite o escritor desafiar o presente, criando novos significados. Como nota,²⁸ a utopia como escritura, para Barthes, emerge como a mediadora entre as dimensões literárias e políticas de seu trabalho.

Assim, a relação da utopia com a literatura torna a primeira tão elusiva quanto tangível. Em *Roland Barthes by Roland Barthes* (1977) o caráter de (im)possibilidade da perfeição adâmica da utopia torna-se mais claro. A utopia serve para produzir significados. Confrontando o presente, ela é responsável pelo próprio funcionamento do signo. Como a aporia de Derrida, para Barthes, a utopia é o tabu que força o escritor a transgredir a representação. O impulso utópico é, desta forma, a busca e a transgressão pela perfeição inapreendida/sível – o rumor da língua, a música do significado.

Perfeição inapreendida/sível traduzida na busca pela multiplicidade pura e pelo seu oposto, a apreensão absoluta do objeto. A utopia escritural carrega o inescapável impulso pelo significado transcendental. Sua negação ou sua apreensão resultaria na impossibilidade de significação: na utopia em seu sentido estrito, no fim do *jogo*. O “rumor” é a resistência à transcendência, a fricção dada pela suspensão e dependência

²⁵ Citado por KNIGHT. *Barthes and utopia: space, travel, writing*, p. 1. (tradução minha).

²⁶ BARTHES. *O grau zero da escrita*, p. 76.

²⁷ BARTHES. *A lover’s discourse: fragments*, p. 99.

²⁸ KNIGHT. *Barthes and utopia: space, travel, writing*, p. 3.

entre significado e referente. Para Barthes, o impossível não é inconcebível²⁹: fogos de artifício reverberam no céu. O “não sentido que faria ouvir ao longe um sentido”³⁰ produz uma promessa, uma ilha que ainda não é, uma *quase* presença.

Considerar o *bruissement de la langue* como utopia desloca-a não só do limite do inconcebível, mas também do inatingível. O rumor da língua é um evento, uma experiência que ocorre “aqui e ali”³¹ – uma experiência do impossível. Revisitamos aqui o conceito de aporia de Derrida. A utopia escritural é aporética, pois nos impõe uma barreira – a resistência à representação – e força-nos a agir criticamente, inscrevendo-nos no texto – na não passagem. Ela é a própria experiência da impossibilidade, da não passagem, da “música do sentido”.³² A aporia de interpretação é o motor da utopia escritural, instaurando a urgência pelo processo crítico que confronta o presente, que confronta a própria literatura, questionando o indizível – “O que é a literatura?”

Em *A escritura e a diferença*,³³ Derrida afirma que a experiência de conversão que instaura o ato literário “se trata de uma saída para fora do mundo, em direção a um lugar que nem é um *não-lugar* nem um *outro* mundo, nem uma utopia nem um *álibi*”. “O rumor da língua forma uma utopia”. “[O] rumor não é mais que o ruído de uma ausência de ruído:”³⁴ a utopia é a criação de um universo que ainda não é que se acrescenta ao universo no ato literário. Ela não é, desta forma, nem um destino, nem um horizonte, mas um universo em progressão na iminência de ser. Entendida em seu caráter *suplementar*, a utopia compreende a “saída para fora” e a “criação de um universo que se acrescenta ao universo”.³⁵

A estranha lógica do suplemento de Derrida aplica-se à impossibilidade de totalização da utopia, em particular em seu caráter escritural. Tanto em francês quanto em português o verbo e o adjetivo suprir/suplemento significam simultaneamente um acréscimo dado a uma falta e um excedente supérfluo. “Se *suprir* diz do excesso que recobre a falta, *o que falta* desde o início é a completude do Todo, organizada a partir de

²⁹ Citado por KNIGHT. *Barthes and utopia: Space, travel, writing*, p. 200.

³⁰ BARTHES. *O rumor da língua*, p. 96.

³¹ BARTHES. *O rumor da língua*, p. 96.

³² BARTHES. *O rumor da língua*, p. 96.

³³ DERRIDA. *A escritura e a diferença*, p. 19.

³⁴ BARTHES. *O rumor da língua*, p. 95, 96.

³⁵ DERRIDA. *A escritura e a diferença*, p. 19.

um único centro.”³⁶ O suplemento não está, assim, nem dentro nem fora, não é uma ausência nem uma presença. Em seu estudo de Rousseau em *Gramatologia*, a escrita deixa de ser para Derrida um mero elemento compensatório da fala: o suplementar torna-se uma parte fundamental daquilo que suplementa, apontando neste uma falta essencial, uma falha no sistema. Como nota,³⁷ a escrita – aquele “suplemento perigoso” – perverte a ordem natural das coisas ao substituir ficções e signos sem vida pela autêntica presença viva da fala.

A utopia como escritura é regida pelo movimento de suplementariedade que constitui a música do sentido. Por isso, como o suplemento de Derrida, ela é “exorbitante”. A utopia, por ser suplementar, permite pensar o (im)possível enquanto abstração, acionando o pensamento crítico e teórico. Nicholas Royle³⁸ sugere que a teoria e a crítica literária são claramente em alguns aspectos suplementares ao seu objeto – a obra literária. Eu diria que, neste contexto, elas são, de fato, suplementares e utópicas. A utopia escritural faz parte da experiência do impossível dada pelo ato literário, da *presa* ou *surpresa* do autor e do leitor diante do texto:

O escritor escreve *em* uma língua e *em* uma lógica de que, por definição, seu discurso não pode dominar absolutamente o sistema, as leis e a vida próprios, Ele dela não se serve deixando-se, de uma certa maneira e até certo ponto, governar pelo sistema. E a leitura deve, sempre, visar uma certa relação, despercebida pelo escritor, entre o que ele comanda e que ele não comanda, dos esquemas da língua de que faz uso.³⁹

No ato literário, o universo que suplementa o universo existente – que supre, que excede o presente – carrega uma provocação inesperada sob a superfície da manifestação textual. O *bruissement*, a utopia só se faz *rumorejar* em “experiências de rumor”⁴⁰ se sua “perfeição” for, ao invés de estática, simultaneamente singular e reiterável. A relação de suplementariedade do impulso utópico com o objeto no ato literário torna a “perfeição” passível de repetição em sua insubstituível singularidade. A exemplaridade da literatura inquieta, pois nos seduz com a (im)possibilidade da verdade oculta pelo segredo que *poderia* ser dito:

³⁶ NASCIMENTO. *Derrida e a literatura*, p. 178.

³⁷ NORRIS. *Deconstruction, post-modernism and the visual arts*, p. 112.

³⁸ ROYLE. *Jacques Derrida*, p. 58.

³⁹ DERRIDA. *Gramatologia*, p. 193.

⁴⁰ BARTHES. *O rumor da língua*, p. 96.

Por exemplo, suponhamos que eu diga “eu”, que escreva na primeira pessoa ou que escreva um texto, como se diz, “autobiográfico”. Ninguém poderá me contradizer seriamente se eu afirmar (ou subentender por elipse, sem tematizá-lo) que não escrevo um texto “autobiográfico”, mas um texto *sobre* a autobiografia, da qual este texto é um exemplo. Ninguém poderá me contradizer seriamente se eu disser (ou subentender etc.) que não escrevo sobre mim, mas sim sobre “mim”, sobre um qualquer ou sobre o eu em geral, propondo um exemplo: sou apenas um exemplo ou sou exemplar.⁴¹

A “multiplicação das escritas” que Barthes⁴² associa à Utopia da linguagem permite um possível diálogo com a exemplaridade da literatura. Para Derrida⁴³ a literatura é a instituição de ficção ligada à autorização de se dizer tudo. O segredo velado pela exemplaridade da literatura inquieta, mas não tem o fracasso como a sua matéria. A leitura, diz Derrida, é “ao mesmo tempo interpretação sem fim, uma fruição e uma frustração sem medida”.⁴⁴ O ato literário (leitura/escritura) tem como força motora as aporias que surgem na sua manifestação – fruição, frustração. A leitura configura-se como uma aporia de interpretação, buscando e adicionando universos através de passagens impossíveis criadas pela própria especificidade que faz do literário. Similarmente, o ato literário nasce tanto da fruição quanto da frustração e constringe, aperta a palavra,⁴⁵ gerando arroios, abismos – a experiência do impossível.

A (im)possibilidade da literatura confunde-se com seu segredo *exemplar*. Como afirma Derrida,⁴⁶ não há textos que sejam literários *em si*. A literariedade não é uma essência natural, uma propriedade intrínseca ao texto, mas algo correlativo a uma relação intencional a este. Esta intencionalidade entendida pela inscrição no espaço literário de forma performativa é diretamente relacionada à noção aqui proposta de utopia (escritural). Quanto maior a ruptura causada pelo ato literário, mais “lido” será o texto, mais ele será desconstruído. A perfeição, se ela existe, se torna apenas um exemplo ou se torna exemplar.

⁴¹ DERRIDA. *Paixões*, p. 61.

⁴² BARTHES. *O grau zero da escrita*, p. 76.

⁴³ DERRIDA. *Acts of literature*, p. 37.

⁴⁴ DERRIDA. *Paixões*, p. 62.

⁴⁵ DERRIDA. *Paixões*, p. 21.

⁴⁶ DERRIDA. *Acts of literature*, p. 44.

ABSTRACT

Jacques Derrida felt an evident distrust towards the term “utopia”, once it carried teleological implications from a state of immobility that results in the renouncement of any action. In fact, the literal sense of traditional utopias is based on ideas that are essentially logocentric impossibilities and perfection. Nevertheless, the creation of non-space is also, *par excellence*, a transgressive act: the concept of utopia, in this way, problematizes itself by self-transformation. The objective of this article is to propose a dialogue between deconstruction and utopia in its non-hermetic sense, seen as an (im)possibility, as a (non)space of differing and deferring of an ever postponed end. Particular attention will be given to the literary act focused as an effect and performance of a pure absence invaginated of all presence. In so being, related to the essential void of an ever inaugural writing, utopia will be thought on in its aporetic aspect in a context of singularity and exemplarity – literature’s exemplary secret. Finally, in dialogue with Roland Barthes, the role of literature as a linguistic utopia will be questioned.

KEYWORDS

Deconstruction, Derrida, utopia, literature

REFERÊNCIAS

BLOCH, Ernst. *O princípio da esperança*. Trad. Nélio Schneider e Werner Fucks. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BLOCH, Ernst. Something’s missing: a discussion between Ernst Bloch and Theodor W. Adorno on the contradictions of utopian longing. In: _____. *The utopian function of art and literature*. Cambridge: MIT Press, 1988.p. 1-17.

BARTHES, Roland. *A lover’s discourse: fragments*. London: Penguin, 1990.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes by Roland Barthes*. Berkeley: University of California Press, 1994.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira, revisão de tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BUCHANAN, Ian. Metacommentary on utopia or Jameson’s dialectic of Hope. *Utopian Studies*, p. 18, 1988.

DERRIDA, Jacques. *Acts of literature*. Ed. Derek Attridge. London: Routledge, 1992.

- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- DERRIDA, Jacques. *Paixões*. Trad. Loris Z. Machado; revisão técnica Enid Abreu Dobranszky. Campinas: Papirus, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Narua Beatriz Marques Nizza da Silva. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Debates, 49).
- DERRIDA, Jacques. "Marx's & sons". *Ghostly demarcation's: a symposium on Jacques Derrida's Specters of Marx*. London: Verso, 2008. p. 213-269.
- DERRIDA, Jacques. Intellectual courage: an interview. 1998. Disponível em: <http://culturemachine.tees.ac.uk/Cmach/Backissues/j002/Articles/art_derr.htm>. Acesso em: 23 jul. 2008.
- FERNS, Chris. *Narrating utopia: ideology, genre, form in utopian literature*. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.
- JAMESON, Fredric. Marx's purloined letter. *Ghostly demarcation's: a symposium on Jacques Derrida's Specters of Marx*. London: Verso, 2008. p. 26-82.
- JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. Trad. Jose Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 1997.
- JAMESON, Fredric. Of islands and trenches: naturalization and the production of utopian discourse. *Diacritics*, v. 7, n. 2, p. 2-21, 1977.
- JAMESON, Fredric. *Marxism and form: twentieth-century dialectical theories of literature*. Princeton: Princeton University Press, 1971.
- KNIGHT, Diana. *Barthes and utopia: space, travel, writing*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- MACMANAUS, Susan. Fabricating the future: becoming Bloch's utopians. *Utopian Studies*, v. 14, n. 2, 2003.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura*. Rio de Janeiro: Eduff, 1999.
- NORRIS, Christopher. Deconstruction, post-modernism and the visual arts. In: MCQUILAN, Martin (Ed.). *Deconstruction: a reader*. Edingburgh: Edingburgh University Press: 2000.
- ROYLE, Nicholas. *Jacques Derrida*. New York: Routledge, 2003.
- SARGISSON, Lucy. *Contemporary feminist utopianism*. London: Routledge, 1996.